

I.º Anno

Outubro de 1902

N.º 1

—
PORTIMÃO

O ALGARVE

REVISTA MENSAL

—
DIRECTOR

Jeronymo Negrão Buisel



PORTIMÃO

TYPOGRAPHIA ARADE

—
1902



O A L G A R V E

Portimão — Typ. Arade — 1902.



PREAMBULO

O homem tem necessidades phisicas, moraes e intellectuaes, cuja satisfação é indispensavel á sua existencia e ao aperfeiçoamento do seu ser.

Não basta que disponha d'uma parte da creação e que as suas faculdades consigam forneer-lhe os elementos de subsistencia material e moral que exige; é obrigado ainda a cultivar o espirito para manter o posto avançado que a natureza lhe destinou.

O trabalho dos primeiros annos, consagrado ao desenvolvimento de todas as forças, representa desde logo uma base de vigor e actividade que não deve desperdiçar, por lhe não pertencer, e sim á sociedade de que faz parte integrante.

A gymistica enrijando os musculos, dando ao corpo agilidade e rebustez, não se limita á exposição d'um hercules, ou á defesa pessoal, tem o fim mais util de enriquecer o sangue, avigorando a saude, e sustentar assim o dispendio enorme de energia que o espirito absorve para se formar e expandir.

Se este complexo de exercícios, fortificando progressivamente a criança, depois o homem, forem subitamente interrompidos, ou mesmo descurados, torna-se inevitável um desequilibrio ruinoso, acarretando a atrophia muscu-

lar e intellectual, mais ou menos rapida, mais ou menos nociva, conforme a resistencia dos atacados.

Este desequilibrio tanto se dá nos grandes centros, em que o espirito, pela sua grande excitação, prepondera sobre as forças phisicas roubando-lhes uma maior quantidade de vitalidade, que elles não podem dispender duradouramente pelos defeitos que inquinam o meio em que as refaz, como nos pequenos centros e nos campos em que a vida monoton a e insipida, amollecedo dia a dia o espirito, deixa o corpo adquirir uma pujança defeituosa, já pela energia que não dispende com o eerebro, já pelas condições favoraveis apenas ao desenvolvimento musenlar.

É por isto que, se para as grandes agglomerações de população, a sciencia moderna, aconsellando o ar, a luz, o sol, vai alargando as ruas, abrindo praças, ventilando, arborisando, limpando, desinfectando, tambem, pela imprensa d'esses centros, não presta serviço menos importante diffundindo as manifestações das intelligencias mais cultas e vigorosas.

Mas, para que esta maneira pratica de retemperar o espirito possa chegar a todos aquelles que vivem dispersos e isolados, devem os pequeninos prelos da província, á medida das suas forças, coadjuvar tão louvavel quanto sympathica propaganda.

Creando esta Revista, não pretendemos, portanto, exagerar a sua missão, nem introduzir quasquer modificações apuradas pelo nosso estudo e experienzia, ou encontradas pela inspiração, mas sim tornarmo-nos um factor d'essa propaganda, ainda que na canda de todos os luctadores da grande idéa.



Visconde de Bivar



filho de José d'Almeida Coelho de Bivar e D. Maria Feliciana Albuquerque de Bivar, orphão de pae e mãe na alvorada da vida, aos nove annos, ficou entregue aos cuidados de seu tutor, Antonio Joaquim da Silva Negrão, juntamente com sens irmãos Jeronymo e Manoel d'Almeida, seguindo muto novo ainda para Inglaterra onde fez os primeiros estudos, com notavel aproveitamento, n'um collegio de Londres.

Regressado á patria, muto novo ainda, vae caminho de Coimbra onde, em dois annos, vence os preparatorios para entrar na Universidade, formando-se, depois, em direito e, uma vez bacharel, volta a Portimão no intuito de tomar conta da administração de sua casa.

Começa então aqui a sua brillante historia, historia que bem pode chamar-se uma epopeia, tam grandes, tam extraordinarios, tam relevantes foram os serviços por si prestados ao seu circulo e, muito mais do que isso, á sua província inteira.

E, antes de commeçarmos na immensa lista do muito que fez, seja-nos lícito dizer algumas palavras d'este grande vulto, não como político, mas como homem.

Falta das mais graves, crime jornalistico dos mais puniveis, vergonha das mais condenaveis seria a nossa se, ao encetarmos a publicação d'esta modesta revista, não abrissemos a sua secção biographica com o retrato e as notas da vida publica d'esse vulto politico que, em vida, se chamou Francisco d'Almeida Coelho de Bivar.

Francisco d'Almeida, como vulgarmente era conhecido, pertencia a uma das mais ilhustres familias da nossa província.

Nascido n'esta pequenina e formosissima villa de Portimão,

D'um trato affavel e llano, accessivel, da mesma forma capti-
vante, tanto ao mais rico e independente homem da alta sociedade
como ao mais fainito plebeu, Francisco d'Almeida, possnia essa
enigmatica e mysteriosa corrente de sympathy que atrahe, que
prende, que se impõe, sem mesmo se saber bem porque.

Só assim se explica, que, sendo este homem o general em chefe
de um partido politico n'uma epoca em que as luctas se travavam
renhidas e rudes, quasi a tiros de rewolver e a folhas de « sevi-
llianas » obrigando os homens d'esse tempo ás inimizades mais
vergonhosas e mais horriveis, dividindo familias que não mais se
viam, separando amigos que não mais se fallavam, elle, o maior
de todos, unico, a « alma mater », emfin, de todas essas dissiden-
cias, honrava-se e era honrado, senão com a totalidade, pelo menos
com a maioria dos sens adversarios que elle não deixava de con-
siderar e respeitar com a mesma amizade intima e sã, que lhes
dedicava antes ou depois de passadas as natraes impressões dos
criticos momentos de qualquier acto eleitoral.

Não queremos dizer com isto que, Francisco d'Almeida, não
tivesse inimigos. De certo que os tinha.

Só tem inimigos quem tem valor, e essas inimizades são precisas.

Para que um facto ou um individuo tenham valor real, é in-
dispensavel que seja disentido, que seja injuriado, que seja criti-
cado.

Porque a verdade é que são essas discussões, quantas vezes
nascidas d'uma paixão facciosa, são essas injuriias, são essas criti-
cas, que formam o pedestal d'um acto nobre, que levantam a es-
tatura d'uma individualidade.

Era o nosso biographado um homem de rara perspicacia e fino
tacto em materia politica.

Assim é que, passados treze annos depois do seu falecimento,
ainda hoje a saudade avassalla aquelles que com elle privaram de
perto e a admiração se impõe aos que o não conheceram.

É que o Visconde de Bivar, com quanto tenha desapparecido para
sempre, vive, comitido, constantemente na memoria de todos, por-
que, por todo o Algarve, e especialmente em Portimão, os melho-
ramentos materiaes, bastos e importantes que nos legou, estão-nos
a cada momento recordando o grande benemerito.

Este caes e esta ponte, que os estranhos melhor avaliam e mais
apreciam do que nós, este caes e esta ponte, diziamos, são o
prodncto gigantesco da sua mnta actividade, dos sens esforços,
do seu grande altrnismo pela terra que lhe foi berço e que elle
amava como só os bons sabem amar,

A criação da comarca em Portimão, a escola de pilotagem no

Algarve, a directriz da estrada pelo litoral, passando por Portimão e Lagoa, este almejado caminho de ferro, cuja chegada à nossa villa se approxima, emfim, ao cabo de tantos annos d'uma esperança quasi desfalecida, e mais do que isso, esta linha telegraphica que, ligando o posto semaphorico de Sagres a Faro, por Lagos e Portimão, liga ao mesmo tempo esse magestoso e concorrido promontorio de São Vicente ao mundo inteiro, tudo isso, toda essa série de melhoramentos da mais alta importancia, são o fructo do trabalho insano de 19 legislaturas em que o Visconde de Biyar dedicou todo o seu talento, toda a sua actividade, todo o seu cívismo em favor do Algarve e especialmente do seu círculo.

Não é nana biographia que lhe tentamos esboçar. Se nos sobra a vontade para isso, falta-nos, certamente, a habilidade e o valor para o fazermos.

O nosso unico fim, como fracos articulistas, é dizermos aqui, mais uma vez, áquelles que nos lerem, que o Visconde de Biyar foi como particular um chefe de familia exemplar, como amigo um amigo verdadeiro e sincero e como politico o protótipo da lealdade, factores estes que concorreram para o engrandecimento do seu nome e que bem pode servir de exemplo para os politicos da actualidade tam desprestigiados n'esta desgraçada epoca de diluição e esphacelamento moral.

L. F.

— — — — —

JESUS !

(Ao Heliodoro Salgado)

Pois não fôra melhor não ver a luz ?

H. S.

Na dolorosa via da existencia,
No deserto caminho do Calvario,
Meus olhos ergo ao misero fadario,
Para filar as leis da consciencia !

Já vi a clara luz da Providencia,
Já sei a regra vã do breviario ;
Evilo a voz do torpe mercenário
Que ao povo indica a bruta penitencia.

Farto d'enganos, duvidas e sonhos,
No doce coração do bom Jesus
Depósito, afinal, meus ais tristonhos...

E se ao depor, ó Dens, a minha cruz
Me lançarem anathemas medonhos,
« Pois não fôra melhor não ver a luz ? »

Marcos Algarve.

(*Das Canções d'Algávem, livro inédito.*)

O ALGARVE SOB O ASPECTO AGRICOLA

SOLO, CLIMA, FLORA

Estende-se o Algarve n'uma area de 485:835 hectares, entre os parallelos 36.[°]56' e 37.[°]25 de latitude septentriional, e as longitudes extremas de 0.[°]8.'12" e 1.[°]43.'12", a leste do meridiano de Lisboa. Está, portanto, situado no extremo sul do reino, e tem por limite norte o Alemtejo, leste o Guadiana, e é banhado ao sul e oeste pelo oceano Atlântico.

Consultando a carta orographica de Portugal, manifesta-se á vista, que d'esse vasto territorio ao sul do Tejo, é certamente o Algarve, a porção mais accidentada. As suas serranias, que geographicamente consideradas, pertencem ao sistema transtagano, elevam-se em sucessivos degraus, desde o littoral até á faixa montanhosa que serve de limite á província, cujo vasto amphitheatro, dominado pela elevação da Foia, podemos distribuir em tres ordens de montanhas.

A primeira, abrange as massas granito-schistosas da serra de Monchique, entre as quaes se destacam os picos bem distintos: a Foia e Picota, aquelle a 903 metros acima do mar, este a 700 metros aproximadamente.

No meio, e correndo na direção N. 14.^o E., cava-se o valle, em enju flanco direito, está a villa de Monehique, aprazivel e pittoresco sitio rodeado de um continuo pomar de frondosos castanheiros, laranjeiras, nogneiras e outras arvores fructiferas, regadas por infinitade de arroios que, baixando dos serros, serpeam e fertilisam todo o terreno semeado simultaneamente de varios e numerosos casas.

Entaladas entre dois serros, no valle que entesta com a Picota, e a cinco kilometros ao sul, demoram as ehamas das Caldas de Monchique.

As suas aguas, mineralisadas pelo gaz hydrogeneo levemente sulfurado, e por pequenas porções d'ontros compostos chimicos, avolumadas com frequentes mananciaes que se lhes juntam abaixo, correm no fundo do corrego, seguindo um curso mais ou menos sinuoso, até entrar na ribeira de Boina, 7 kilometros a N. O. de Portimão.

Rodeando esta, sucede-se a segunda ordem de montanhas, que no Algarve formam as cadeias do Espinhaço de Cão, Mesquita e Malhão.

O espinhaço d'esta faixa montanhosa, sóbe até 575 metros, no monte Mú; a 430 metros na serra de S. Bartholomeu de Messines, onde se notam os pinaeulos dos Gralhos, de Messines e Penedo Grande; e a altitudes um pouco mais baixas, na serra de Salir, sitio dos montes Novos, Rocha da Pena e Penina.

A todas estas ramificações correspondem numerosos valles, origem ordinaria das muitas ribeiras que serpeam pelas ravinas e barraneos da serra, e que no inverno veem engrossar as bacias do littoral.

Subindo a altitudes que raras vezes excedem 100 metros, temos, afinal a terceira ordem que considerámos, a faixa montanhosa do littoral, onde por excepção encontramos o solo levantado-se rapidamente a 400 metros, para formar o monte do Figo, ou de S. Miguel, na freguezia de Moncarapacho.

O solo do Algarve pode dividir-se em quatro zonas geo-

logicas distintas: a maior, a dos *schistos silurianos* e *terreno carbonifero*, que constitue quasi inteiramente o norte do Algarve; a dos *calcareaos* e *grés triasicos*, estreita faixa estendendo-se de oeste a leste, da Villa do Bispo a Castro-Marim; a dos *calcareaos jurassicos*, que em muitos pontos chega á costa, e finalmente a ultima de depositos *terciarios* e *quaternarios*, apenas n'alguns pontos interrompidos pelo *cretaceo inferior*.

Na primeira zona, comprehende-se a cordilheira schistosa do siluriano inferior, e a sub-serra constituída pelo terreno carbonifero.

Exceptuam-se porém, no concelho de Aljezur, uma faixa de terciario lacustre superior, que começa no sitio da Arrifana, estende-se para o norte ao longo da costa e convexionando-se pelo NO. desce por NE. até quasi á villa; uma pequena nodoa do mesmo sedimento que da Carapateira vai á costa, da qual se acha separada por dois triangulos, que se sucedem, um de calcareo jurassico superior, e de calcareo triasico, o outro: um pequeno afioramento, que na direcção N. NE. parallelamente ao oceano, e apoiando-se na serra do Espinhaço de Cão, corre na extensão de 6 kilometros a oeste da Villa do Bispo, tambem da mesma rocha; e duas estreitas faixas de terciario marino, uma que passa em frente de Aljezur, correndo paralela á costa e não excede 8 kilometros, outra menor e mais estreita, começando a NE. d'esta, e dirigindo-se para o sul.

Faz tambem excepção no concelho de Monchique a erupção syenitica da Foia, na direcção E. 14.^o N.

Tudo o mais são terrenos silurianos e carboniferos.

A segunda zona, caracterisada pelos sedimentos de calcareo e grés triasicos, estende-se de oeste a leste, passando por Bensafrim, Silves, Torre, S. Bartholomeu de Messines, Alte, Benafim, Salir e Querença, e segue ora direita e larga, ora sinuosa e estreita até ir topar com o valle do Guadiana em Castro-Marim.

Do Cabo de S. Vicente até proximo de Cacella, está comprehendida a faixa dos calcareos jnassicós, a terceira zona geologica.

É ella que forma a costa, desde a Torre d'Aspa, na parte occidental, a oeste da Villa do Bispo, curvando-se no Cabo de S. Vicente até Sagres, e desinvolvendo-se para leste no sobre-littoral, chega proximo de Cacella, ao nascente de Tavira.

No littoral, vindo ao mar, ha ramificações, uma que desce das proximidades de Silves a Ferragudo, outra ao norte de Albufeira, e a ultima de Moncarapacho á Fuzeta.

Dispersos n'esta faixa jurassica encontramos, a NE. do Cabo, a leste da povoação da Torre no concelho de Silves, em Paderne e rodeando Loulé, afloramentos do terciario lacustre superior; formando o Cabo e quasi junto a Estoy, mas um pouco ao norte, o jurassico lias.

Resta-nos a quarta e ultima zona, que se estende por quasi toda a costa meridional, ora do terciario marino e lacustre superior, ora do cretaceo inferior, ou dos sedimentos quaternarios.

Começando por oeste, o cretaceo inferior apparece na costa em frente a Budens e passando pela Senhora da Luz vae terminar a N. O. de Lagos, não formando o solo sobre que assenta esta ultima povoação, que é de terciario marino, bem como o d'Alvor, Portimão, Lagoa, sul d'Aleantarilha, N. E. d'Albufeira e Cacella.

Volta novamente o cretaceo a originar-se no Cabo Carvoeiro, curva-se pelo norte de Aleantarilha até desapparecer a uns 5 kilometros a sudoeste de Boliqueime, para aflorar de novo n'uma faixa sinuosa, desde N. E. de Quartcira, até á costa entre Fuzeta e Olhão passando affastado ao norte de Faro e Olhão.

O lacustre superior, encontra-se em afloramentos pequenos dispersos no cretaceo inferior, que passa a N. E. de Lagos, e em manchas extensas formando a costa.

Assim, notamos uma mancha de Lagoa a Paderne no

interior; outra entre o Carvoeiro e Albufeira passando por Pera, e finalmente ontra, apenas interrompida na Fuzeta e Cacella, que se estende dos arredores das Ferreirás a Villa Real de Santo Antonio.

Temos por ultimo os sedimentos quaternarios — que se encontram bem caracterisados á beira-mar de Faro a Olhão, em Tavira, e de Cacella a Villa Real de Santo Antonio, além dos que cobrem o fundo dos valles actuaes.

(Continúa)

Bixa: Weinholz.

Os meus pergaminhos

Nasci de paes humildes, que de Adão
Crêem ter descendido e eu tambem creio ;
Vivi sempre contente n'este meio,
Jamais senti em mim ontra ambição.

Não tenho sobre a porta algum brasão,
Nem sei mesmo dizer d'onde isto veiu,
Não posso « charrettes » de recreio,
Nem quintas onde vá passar o v'rão.

Por isso fui nm lonco em aspirar
Á vossa mão altiva e titular
Eu — de origem modesta, en — nm pleben !

Senhora ! perdoae se qmiz oppôr
Aos vossos pergaminhos de valor
Um pobre coração que Deus me den !

José Castanho



MEMORANDUM

Agora, que estamos com a vinificação entre mãos, não seria occasião de experimentar o processo dos vinhos espumosos, visto que apenas produzimos actualmente tres classes de vinhos: a geropiga, o vinho beneficiado e o vinho de pasto?

Temos uma boa producção de uva branca, podendo, portanto, separar uns almudos d'esse mosto a fim de o sujeitar á experiençia.

Ferreira Lapa, na sua — *Technologia rural* — diz :

« As uvas muito sacchariuas dos paizes quentes passam por não serem as melhores para o fabriego do vinho espumoso; comtudo nós temos provado vinhos espumosos do Douro, os da casa Forrester, por exemplo, apresentados na exposição agricola do Porto de 1860, que não ficaram muito abaixo dos melhores *Sillery*. »

O sr. Pereira Coutinho, no seu já bem conhecido e excellente — *Guia do Viniculor* — diz que os vinhos medianamente saccharinos, um pouco verdes, são os que melhor se prestam ás imitações do Chanpanhe; mas acrescenta, adiante, que no Donro, apesar da doçura natural dos mostos, conseguem fazer vinhos d'esta qualidade, bastante distintos.

Portanto, devemos concluir que a champagneisação dos nossos vinhos não deverá ser embaraçada pelo seu grau saccharimetrico.

Couvem saber que nem só de uva branca se fabrica o vinho espumoso, pois que a mistura da uva tinta e branca dá tambem clarissimo champagne, e até é vóz geral que o vinho de uvas brancas, somente, é acido e demasiadamente leve, enquanto que se notam defeitos contrarios nos productos das uvas tintas.

Contudo, a champanisação com uva branca e tinta misturadas, obriga a mais enidada fabricação; e, attendendo a que os nossos vinhos brancos são de uma pequena acidez, relativamente, parece-nos dispensável em geral tal lotação.

Na Champagne vindimiam de manhã cedo, dizem que para espnmar melhor, mas somente quando a uva está em perfeita maturação.

Depois de bem limpa e escolhida vae immediatamente para a prensa, sendo o producto de tres passagens, o que constitue o vinho espnmoso; o que sae das expremeduras que se lhes seguem não pode dar o mesmo vinho, e é ao que em França chamam — *vins de suite*.

Vale pois a pena ao viticultor algarvio a experiencia. Como, porém, deveremos talvez limitar-nos ao fabrico com uvas brancas, dispensando o emprego da prensa, pois que n'este caso a pisa pode ser proveitosamente applicada, a experiencia é accessivel a qualquer viticultor por menor que sejam os sens haveres.

Passa-se o mosto para as dornas até apresentar evidentes signaes de fermentação.

Logo que appareça á superficie uma ligeira espuma, faz-se a mudança do vinho, separando-a da lia depositada no fundo das dornas, para uma vasilha ou vasilhas em que se completará a fermentação, tumultuosa, auxiliada com um composto de 1 litro de vinho branco e 500 grammas de assucar, que se lhe juntará quando se note fraqueza no mosto, ou quando elle não marque 10 ou 12 graus.

A fermentação tumultuosa faz-se á temperatura de 12° a 22°, durante uma semana proximamente.

No proximo numero fallaremos do tratamento e conservação d'estes vinhos, pois que este artigo vae longo para os limites d'esta *revista*.

Forte Alvo.



dictos e adagios

de pequenino se...

Oiço por ali toda a gente fallar, pregar, blasphemar do estado financeiro do paiz; da incuria dos nossos governos que tudo empenham e embrulham; da ganancia do nosso commercio que rouba e falsifica; da desgraça das nossas industrias que nada produzem; do favoritismo que gozam os intrujões; do poderio conquistado pela riqueza; da devassidão dos nossos costumes; do... diabo a quatro!

Todos pedem reformas, todos querem moralidade, todos se insurgem contra a falta de criterio e seriedade que preside á administração das nossas finanças, todos apontam os disparates e contradições das leis, conhecem todos os males, todos os prejuízos, todas as falecatrmas, mas... tem-se continuado sempre na escala ascendente de enganos para logros, de logros para roubos, de roubos para violencias, de violencias para o descaro e d'este para a... politica!

Sob a capa d'esta *Deusa* tudo se faz, tudo se admitte, tudo se... desculpa!

Como explicar, pois, este evidente phenomeno?

É que, despojados já da chamaña energica, guerreira, conquistadora, d'outr'ora, apenas conservamos a indolencia, a prodigalidade, a ostentação e as... conveniencias em detrimento da paz domestica, da boa moral e dos haveres adquiridos honrosamente pelo tradalho, cousas que passaram de voga, no que ninguem pensa, tornando-se até ridículo quem fundamenta o seu modo de viver em semelhantes velharias!

Por esta forma, abrigamos o luxo, as modas, a impostura, lançando ao indifferentismo mais renitente, ao des-

leixo mais criminoso, tudo quanto não auxilie a nossa . . . orientação !

O assumpto mais serio e palpante de interesse, a resolução mais fundamentada e racional, o alvitre mais acertado e profíquo, morrem ao simples sopro d'um chiste, d'uma faceecia, d'uma anedocta ! Ninguem está para maçadas e, n'este « cada um governe-se », esqueceu-se o assumpto, a resolução, o alvitre, e só ficou gravada no animo de todos a . . . piada !

Essa sim, será repetida de rua em rua, de casa em casa, correrá a cidade, a província, o reino !

Leem-se os jornaes na esperança de ver tratadas, leal e conscientiosamente, todas as questões importantes para o paiz ?

Nem em tal se pense ! Está assente de antemão, que o governamental defenda o governo como melhor souber e puder, o monarchico contrario, como melhor consiga depreciar-o, o republicano ponha ambos a pão e laranja.

Consulta-se o primeiro : mar de rosas !

Pega-se no segundo : mar encapellado !

Salta-se para o terceiro : temporal desfeito !

Muda-se o governo ; troca-se a linguagem dos dois primeiros e o ultimo continua no mesmo diapasão.

Para que se compram então os jornaes ? Pelas discrições minuciosas de todos os crimes e catastrophes, para saber quem chegou, quem partiu, quem faz annos, como meio de correspondencia amorosa, pelos folhetins, para embulhos ou outra qualquer applicação . . . caseira.

No commercio, na industria, nos empregos, nas escolas, sempre a mesma idéa de chegar a brasa á sua sardinha e n'essa esperança vamos aparando as especulações, os monopolios, os afilhados, a saraivada de livros que, *por negocio*, todos os annos, todos os mezes, são aprovados para o ensino.

Mas . . . tudo vae bem, tudo corre regularmente, tudo assim deve caminhar !

O que seria condemnavel, é que se não ligasse a maior attenção a... um nó na gravata, ao cahir aprimorado da calça sobre a bota, ao corte airoso do casaco ou collete, ás scintillantes pedrarias, ao gosto e riquesa do seu vestuario, da sua casa, dos seus trens, dos seus cavallos, dos seus cães!

É isto o necessario para ter consideração, ser intelligente, unico, raro, apreciavel e ditar as *ordens* em todo o paiz, com mais auctoridade que qualquer ministro, com mais força que a propria lei!

N'esta objectiva vemos a mulher pedir uma plastica mentirosa e incommoda ao espartilho e almofadas, uma cutis alva e assetinada ao pó d'arroz e cosmeticos, uns cabellos louros ou negros, ondeados ou frisados, ás tinturas, papelotes e ferros proprios para tal successo; o homem encerar e retorcer os bigodes a fogo, metter-se em gargalheiras de linho que lhe roubam os movimentos naturaes, encher os dedos de anneis e tomar um tom archi-asno ao assestar-nos o monoculo!

De verão tem que apparecer nas thermas, nas praias, nos passeios!

De inverno, nos theatros, nos bailes, nas egrejas!

Para cada estação, para cada lugar, uns botas proprias, um fato proprio, uma gravata propria, e até uma cara propria, porque é preciso retocal-a para não destoar da obra cuidadosa que lhe serve de pedestal.

(Continua)

J. A. B.

O ALGARVE

PREÇO DE ASSIGNATURA

Trimestre	240 réis
Numero avulso	100 »

Toda a correspondencia para « O ALGARVE » deve ser dirigida a
Jeronymo Negrão Buisel — Portimão

De todas as obras de que nos sejam remettidos 2 exemplares, será publicado o annuncio nas capas da nossa revista.

ALMANACH DO ALGARVE

Para 1905

Apparecerá por todo o presente mez d'outubro este interessante Almanach, esplendidamente collaborado por João Bucha, João Lucio, João Leotte, Bernardo de Passos, Antonio Santos, Julia Celeste, Julio Dantas, Manuel Penteado, Lorjó Tavares, José Castanho, Marcos Algarve, etc.

Insere a ultima reforma dos correios, lei do sêllo e outras indicações úteis, retratos e vistas do Algarve e descripções das mais pittorescas terras algarvias, etc.

FABRICA DE SANTO ANTONIO

Moagem de trigo pelo sistema Austro-Hungaro

PORTEIMÃO — ALGARVE

Farinhas garantidas, sem a menor adulteração, como, das repetidas analyses, o teem attestado as estações officiaes e como qualquer consumidor o pode pessoalmente verificar.

Preços sem competencia.

FABRICA DE LICORES

SECULO XX

EM FERRAGUDO

A. Judice & C.^a

PORTEIMÃO

Os productos d'esta acreditada fabrica rivalisam com as melhores marcas de licores estrangeiros e não teem competencia no nosso paiz.

Preços modicos

J. B. S. CASTEL-BRANCO

—*Castel-Branco*—

Casa de Comissões e Consignações, deposito de Alfaias Agrícolas e artigos para fábricas de peixe.

EXPORTAÇÃO DE TODOS OS PRODUCTOS DO ALGARVE

Sanches & Irmão

—**PORTEIMÃO**—

Este bem conhecido estabelecimento, o mais importante de todo o Algarve, continua a apresentar os melhores artigos, tanto em mercearia, vinhos, licores, etc., como em perfumarias, tabacos e artigos de phantasia adquiridos directamente do estrangeiro.